



A carruagem parou na frente da mansão Holmes, espalhando um pouco do gelo acumulado. Nevava fazia uma semana, mas, ali, em Sutton, o governo municipal mantinha uma equipe de varredores de rua para conservar as ruas desimpedidas. Lar dos principais financistas, industriários e políticos de Londres, seria uma gafe terrível que compromissos fossem adiados porque o mais alto escalão inglês estava impedido de sair de casa por causa da neve acumulada.

O condutor saltou da carruagem, afundando as botas na lama. Logo depois, foi acompanhado pelo único passageiro, um rapaz alto e esguio, de cabelos rebeldes e elegantemente vestido. Ele ajudou o condutor a pegar o malão de madeira e os dois carregaram o pesado baú até a entrada da mansão. Então, o jovem Sherlock Holmes pagou o homem, deixando também uma gorjeta, como o seu pai lhe ensinara. E acrescentou uma moeda a mais.

Afinal, era Natal.

O homem agradeceu com um largo sorriso antes de ir embora. Sherlock puxou a aldrava de metal e bateu. Pouco tempo depois, a porta se abriu.

Sherlock estava de costas, pegando o malão.

— Me ajude aqui, senhorita...

Ao se virar, parou e encarou a figura na porta. Por um momento, seu olhar alcançou os números esculpidos na parede de pedra, mas eles apenas confirmaram o óbvio. Não errara o endereço. Estava na casa do seu pai.

— Quem é a senhora?

Estava esperando a senhorita Hudson, a cozinheira e governanta da casa, única empregada regular que o pai mantinha em casa. Os demais funcionários eram contratados por temporada. William Scott Holmes, pai de Sherlock, tinha um apreço bastante particular pela privacidade e não gostava de manter um grande número de pessoas sob seu teto.

Então, quem era aquela senhora baixinha, de olhos grandes, óculos grossos e ar severo?

— Eu sou a Sra. Macklin, a nova governanta e cozinheira — ela se apresentou. — E você deve ser o menino Holmes.

Sherlock franziu a testa. Não gostava de ser chamado assim, mas não criaria caso na primeira vez que via a nova encarregada da mansão.

— Muito prazer — cumprimentou. — A senhora sabe se Mycroft está em casa? Eu preciso de ajuda para carregar o malão.

Ela avançou para fora.

— Meus ossos são velhos, mas fortes. Seu quarto já está pronto.

Sherlock lançou um olhar de dúvida para a velha, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, ela já agarrara o seu lado do malão. Sem alternativa, ele levantou a alça.

O malão era pesado, mas estava quase vazio. Afinal, seriam apenas alguns poucos dias na mansão antes de retornar para a Harrow, a sua escola no norte de Londres. O diretor liberara os estudantes para o feriado de Natal, mas todos eram esperados de volta no dia três de janeiro para o reinício das atividades.

Sem grandes dificuldades, eles passaram pelo grande hall de madeira encerada e subiram pela escadaria de mármore até o segundo andar. A Sra. Macklin o ajudou até que o malão estivesse depositado ao pé da cama, no primeiro quarto. Ele agradeceu e ela deixou o lugar sem responder.

Sherlock tirou o chapéu e o grande casaco de lã que vestia, depositando os dois em uma chapeleira, o único móvel novo do quarto. A cama, o criado mudo, a pequena escrivaninha e o armário eram antigos, herança do seu avô, mas ele não tinha do que reclamar. O colchão era macio e os travesseiros, fofos. Bem diferente do quarto que dividia com mais um colega na Harrow. Bom, ali era o seu lar, não era? Era natural que se sentisse reconfortado.

Depois de trocar as pesadas botas por um par de sapatos mais leves, estava pronto para descer. Passou a mão nos cabelos desalinhados e deixou o quarto. Viu a Sra. Macklin no corredor, liderando duas arrumadeiras que passavam rapidamente de um quarto para o outro. *Seria alguma arrumação de final de ano?*, perguntou-se. Afinal, aqueles quartos não eram usados.

Deixando esse pequeno mistério para trás, desceu as escadas e entrou na sala de estar. Mas não havia ninguém ali, além das confortáveis cadeiras, as mesas laterais e os quadros com as suas molduras pesadas. Além disso, notou que a lareira estava apagada. Sua mãe, imaginou, não estava em casa.

Foi até o escritório e bateu levemente na porta. Houve um momento de silêncio e, então, uma voz familiar lhe pediu para que entrasse.

Sherlock sorriu e abriu a porta.

O escritório do seu pai permanecia exatamente como da última vez que estivera em casa. Várias estantes de madeira escura mantinham volumes revestidos em couro de cores diversas. Um

globo de base dourada dominava um canto, duas poltronas jaziam perto de uma luminária e uma grande mesa de tampo escuro e pernas grossas estava postada no fundo da sala. Livros abertos e fechados e mapas enrolados estavam espalhados por todo o local.

Sempre havia livros no escritório do seu pai.

E sempre havia mapas.

O trabalho do Sr. Holmes envolvia compreender as rotas de comércio internacional, o que lhe exigia conhecer a fundo os detalhes da geografia mundial. E eram muitos mapas, o suficiente para que o Sr. Holmes anexasse uma sala ao escritório somente para guardá-los. Era uma sala pequena, mas repleta de grandes mapas enrolados, de cima abaixo, organizados por temas. Sherlock tinha permissão para examiná-los quando seu pai não estava no escritório. Sempre se interessou por mapas. Considerava-os uma descrição metódica de um mundo vasto e complexo.

Seu pai estava junto à janela que dava para o jardim dos fundos. Fumava um charuto enquanto lia um documento e fez um sinal para que o garoto se aproximasse.

William Scott Holmes era um homem que estava aproximando-se da casa dos cinquenta anos. Seu cabelo era escuro, mas já começara a ficar grisalho nas têmporas e no bigode. O nariz romano de Sherlock fora herdado do pai.

— Sherlock — disse ele, estendendo a mão.

Os dois trocaram um aperto de mão forte e caloroso o suficiente para uma tradicional família britânica. O Sr. Holmes largou os papeis que estava examinando em cima de uma mesa lateral. Sherlock espichou o olho rapidamente, mas tudo o que conseguiu ver era que se tratavam de documentos oficiais do governo.

Mais trabalho, pensou.

— O mundo dos adultos não para — disse o Sr. Holmes, captando o olhar de Sherlock.

— Nem no Natal?

— Muito menos no Natal — ele continuou, com um sorriso triste. — O comércio da Inglaterra depende do tecido, do chá e do açúcar. Os três são consumidos em quantidades espantosas durante as festividades de final de ano.

Sherlock assentiu. Era uma explicação lógica. Mesmo assim, não era obrigado a gostar dela. Com um dar de ombros, resolveu trocar de assunto.

— Quem é a nova governanta?

— Então, você já a conheceu? — perguntou o Sr. Holmes, acrescentando logo em seguida. — Claro. Ela abriu a porta. Seu nome é Sra. Macklin, como já deve saber. Ela é a nova responsável pela casa.

— O que houve com a Srta. Hudson?

— Nada. Mas a sua irmã não está bem. Ela resolveu se mudar para Liverpool e ajudar a família.

— Eu gostava da Srta. Hudson.

William Holmes se recostou na cadeira e soltou levemente a respiração. Se fosse outra pessoa, talvez o garoto não tivesse percebido. Mas Sherlock conhecia muito bem o pai. O assunto não estava aberto à discussão e era melhor não insistir nisso.

— Ela é muito eficiente, o que é uma benção — continuou ele. — Precisaremos de ajuda nesse final de ano.

Sherlock se lembrou do que vira lá em cima e chegou a uma conclusão. No entanto, se recusava a acreditar nela.

— Receberemos visitas para o Natal? *Aqui*, na Mansão Holmes?

Seu espanto era procedente. Seu avô, falecido há muito tempo, gostava da casa sempre cheia e costumava receber muitos

visitantes. Seu pai era bem mais recluso e considerava o Natal uma festa familiar.

— Sim — respondeu ele, suspirando novamente. — O Sr. e a Sra. Penny, lembra-se deles? Ótimo. O velho “Billy” McCluster também. Ele era muito amigo do seu avô, mas faz um bom tempo que não o vejo.

Sherlock tinha uma vaga lembrança deles. Os Penny eram amigos de longa data dos pais. Sabia que ele era muito ranzinza por causa do dinheiro, a ponto de ser quase deselegante. E o velho McCluster era um sujeito que vivera em outro país por um bom tempo. *Índia*? Não, não era isso. Era no continente africano. Sim, isso mesmo. *África do Sul*, se não estava enganado. Fizera fortuna lá.

— E o seu tio também foi convidado.

Sherlock afastou os pensamentos sobre os demais convidados como um raio e perguntou, com um sorriso estampado no rosto.

— O tio Henry?

— Não fique tão entusiasmado — comentou seu pai, erguendo uma sobrancelha para o rapaz. — Ele foi convidado, mas não sei se aparecerá. Sabe como o seu tio é imprevisível.

Sim, Sherlock sabia. E ficou espantado com o convite do pai. Os dois raramente se davam bem. O seu pai era um homem absolutamente correto e metódico, um exemplar perfeito de um digno cavaleiro inglês à serviço de sua majestade, e se orgulhava muito disso. O senso de dever era algo muito caro para William Scott Holmes, mesmo que trabalhasse apenas para o Ministério do Comércio.

Já o seu irmão era um homem do mundo. Se autodenominava um aventureiro, mas Sherlock imaginava que ele adotara o título apenas para implicar com o próprio irmão, que o desaprovava. Ele já

estivera em mais expedições do que Sherlock poderia contar e sempre estava pronto para uma nova aventura. E retornava cheio de bugigangas, cicatrizes e histórias maravilhosas. Egito. Congo. Venezuela. Tailândia. Não havia um só canto do planeta que Henry Holmes não tivesse visitado.

— De onde ele está vindo? — perguntou.

— Da Austrália, se não me engano — respondeu o pai. — Ele desembarcou do Gloria Scott há algumas semanas.

Sherlock escondeu um sorriso. Para quem dizia não se importar com as travessuras do irmão mais novo, seu pai parecia muito bem informado.

Então, o Sr. Holmes olhou para os papéis que tinha depositado na mesa e Sherlock entendeu o recado.

— Eu vou para o meu quarto. Preciso desarrumar a minha mala.

Recebeu um sorriso compreensivo como resposta.

— Sua mãe já deve estar retornando. Compras de última hora, acredito eu. Ela saiu com o seu irmão. Amanhã a casa estará cheia, mas, pelo menos por uma noite, a mansão Holmes será apenas para a família.

Sherlock sorriu e se afastou. Quando estava na porta, ainda ouviu seu pai falar.

— Seja bem-vindo à sua casa, filho.

— Obrigado.

E Sherlock abriu a porta e saiu.